

O

ALLIE

INIS

TAA

**machado
de assis**

O

ALLIE

**textos
informativos:
fátima
mesquita**

INIS

TAA

© Panda Books

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas
Tatiana Fulas

Coordenação editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Henrique Torres
Laís Cerullo
Guilherme Vasconcelos

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diagramação
Carla Almeida

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Edição das notas
Mayara Freitas

Revisão
Mayara Freitas
Beatriz de Freitas Moreira

Fotos
p. 29: © *Gift of Blumka Gallery, 1954/The Metropolitan Museum of Art/dominio público*;
p. 35: © *Gunnvör silfráhárr/CC BY-SA 4.0*;
p. 36: © *patafisik/CC BY-SA 4.0*

Impressão
Corprint

Este livro foi estabelecido com base na edição da Lombaerts & C, de 1882, na edição da Nova Aguilar, de 1992, e na edição crítica de Sandra Mara da Silva Franca, de 2013.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A866a

Assis, Machado de, 1839-1908

O alienista / Machado de Assis. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022. 88 pp. il.

ISBN: 978-65-5697-256-5

1. Contos brasileiros. I. Título.

22-79174

CDD: 869.3
CDU: 82-34(81)

Bibliotecária: Gabriela Faray Ferreira Lopes – CRB-7/6643

2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

TUDO CONTRA, MAS O CARA ERA UM CRAQUE!

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de um brasileiro, Francisco, pintor de paredes, e de uma portuguesa dos Açores, dona Maria, lavadeira que, no entanto, morreu quando ele tinha só dez anos de idade. O menino cresceu no morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio da madrinha rica e da segunda mulher do seu Francisco.

Sabia muito bem francês e latim, chegando a trabalhar como tradutor. Quando novo, descolou uns trocados vendendo

doces feitos pela madраста e engraxando sapatos. Mais tarde, fez bicos de revisor, ralou em tipografia, foi funcionário público em variadas instâncias (começando como auxiliar do auxiliar e chegando até a diretor chefe). E escreveu: crítica de teatro, poema, resenha de debate do Senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez.

Simmmm, quando não estava lendo, escrevendo ou assistindo a peças de teatro, o cara gostava de encarar uma partida de xadrez. Chegou a participar do primeiro campeonato do país, e as peças que ele usou nesse torneio hoje estão expostas na Academia Brasileira de Letras.

Mas nada foi fácil pro Machado. O sujeito sofria de epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceito, em especial naqueles tempos, porque, de repente, o cérebro da pessoa entra meio que em curto-circuito, com uma descarga elétrica embaralhando as coisas lá dentro. O doente pode, então, falar coisas sem pé nem cabeça, o corpo pode se movimentar sem controle ou a pessoa parece que está no mundo da lua, com o olhar perdido e fixo no nada, sem responder a nenhum estímulo, meio que ausente – ei, mas fica sussa que hoje em dia tem tratamento bem eficiente, que não cura, mas controla legal a situação, deixando a pessoa viver uma vida mais tranquila.

Além disso, nosso amigo era negro e também meio gago. E, como você já deve ter sacado, bem pobre mesmo. Os pais do pai dele eram escravos alforriados que haviam trabalhado praticamente a vida toda pra família de sua madrinha. Ou seja, nosso Joaquim sofria preconceito a granel. Tipo 7 X 1. Toda hora, né? Mas era inteligente que só. Tinha esse supertalento atômico pra línguas. Aprendeu muita coisa (mas muita mesmo!) por conta própria, nos livros da biblioteca da família rica da madrinha e de tudo quanto era jeito que ele podia achar. Tinha esse apetite pra aprender. Voraz mesmo.

Foi casado com uma portuguesa, quatro anos mais velha que ele, a dona Carolina Augusta Xavier de Novais. Mas eles nunca tiveram filhos. Ela morreu antes. Machado ficou deprimido – estava também já cego. Faleceu aos 69 anos de idade, no mesmo Rio de

Janeiro onde havia nascido. Deixou seus vários livros, sua obra, que já foi traduzida e estudada por tudo quanto é canto desse planeta Terra. O que é raro, bem raro mesmo para autores brasileiros.

Ah, e um caso divertido aqui: num dos seus livros, houve um erro de impressão numa frase. Onde devia se ler “lhe cegara o juízo”, lia-se “lhe cagara o juízo”! Ih, foi um corre-corre tipo Usain Bolt pra tentar consertar a “cegada” (rs). Juntaram lá uma pá de gente tentando corrigir livro por livro antes daquilo tudo chegar na mão dos leitores. Em grande parte a tática deu certo, mas... uns exemplares com o erro escaparam. Hehehe, mals, hein?

UM ALIEN NA SALA

Alienus é a palavra latina que quer dizer “de outro, estranho, que vem de fora”, e ela nos trouxe termos como “alienígena”, “alienado” e “alienista”. A ideia de alienação mental (ou seja, comportar-se de maneira estranha de repente, como quem está fora da casinha) começou a aparecer na Europa do século XIV, mas levou um bom tempo até “alienista” virar o nome de quem estava tentando entender e cuidar do pessoal que sofria de algum perrengue mental – e bota aí mais cem anos para o termo cair em desuso.

Enquanto isso, o alemão Johann Christian Reil criava o nome “psiquiatria”, no final do século XVIII. Não demorou nada para a nova nomenclatura ser adotada pelas universidades, mas o público em geral só largou mão de “alienista” e passou a usar o termo “psiquiatra” no século XX. Bom, e como este livro foi publicado em 1882 contando uma história que se passava em algum lugar do tempo entre 1775 (a inauguração do chafariz das Marrecas) e 1808 (a chegada de dom João VI e sua turma), fica claro aí o uso da palavra “alienista”, não acha?

E agora que a gente tirou isso da reta, bora ver o que rola nesse enredo e por que esse conto mais compridinho virou um clássico admirado por tanta gente e por tanto tempo.

ENREDE-SE AQUI

O alienista fala de um cara que nasceu na pequena Itaguaí, no Rio de Janeiro, e que vai pra Europa estudar e volta doutor. Mal ele chega à sua cidade natal e o doutor Simão Bacamarte consegue

convencer as autoridades locais a lhe darem poder total e até grana para construir e manter uma clínica onde ele pretende cuidar de doidos. O problema é que o critério da loucura é mais escorregadio que quiabo com baba. E vai mudando pelo livro afora, deixando todo mundo confuso.

Debaixo de um texto divertido e recheado de ironias, a trama vai se desenrolando enquanto abre espaço pra gente pensar sobre uns lances que eram importantes na época e que continuam pesando hoje em dia, como a definição de loucura e de normalidade, a questão ética por trás da medicina em geral, a internação ou não de quem está em sofrimento psíquico (ou que está dando trabalho para a família ou para a sociedade), o papel do Estado nessas agruras – tanto ajudando quanto atrapalhando –, o direito que temos de questionar a ciência e a maneira como ela se relaciona com a sociedade e o poder. Enfim, muita coisa importante!

A gente tem que pensar um pouco também no contexto do Machado. Porque *O alienista* surge primeiro como folhetim, em capítulos, num jornal em 1881, e no ano seguinte sai como parte de um livro de contos chamado *Papéis avulsos*. E nesse tempo, o Brasil estava embrenhado total nas ideias do tal positivismo do Auguste Comte. De acordo com esse francês, o progresso só pode acontecer quando a gente tem ordem, e quem faz e executa essa tal ordem são indivíduos escolhidos a dedo (o que quer dizer: homem branco cis com diploma e pinta de sério, nada louco e sangue bom!), como o doutor que estudou no estrangeiro e modestamente só quer ajudar e contribuir para o bem-estar geral, saca? E que ia “inventando cientificamente” a regra da sanidade e da insanidade, com as autoridades batendo papel para ele, sem questionamento algum.

INOVAÇÃO DISRUPTIVA NÍVEL STARTUP

Outra coisa megamassa aqui é que Machado de Assis meteu os pés dele numa discussão sobre o tratamento psiquiátrico muito antes dessa conversa vir à tona com força na década de 1960, com o francês Michel Foucault – que vem sussurrar no ouvido da gente sobre os diferentes focos de poder e como eles

reforçam uns aos outros (Estado, escola, hospital, asilo, prisão, família, trabalho etc.), criando uma rede da qual não se pode escapar. Quem fica fora disso, por qualquer motivo ou maneira, é logo punido de algum jeito, é disciplinado. E a tal da loucura, historicamente, foi tratada assim: a pessoa saía um pouco da curva, do aceito na tal rede, e pronto, já era colocada entre quatro paredes, num hospício, trancafiada, isolada e tal.

Essa discussão em torno da insanidade e como nós (a sociedade) e o saber (a medicina/psiquiatria/psicologia) lidamos com isso continua muito em pauta, né? Quer dizer, Machado de Assis, lá atrás, no final do século XIX, já inovava mais que *startup* unicórnio disruptiva, falando de tretas que até hoje são brasa ardente: o que é loucura? O que a gente pode ou deve fazer para ajudar quem está em sofrimento psíquico? Inter-nar é uma boa ou não? Quem define um tratamento? Qual é o peso do paciente e o peso do médico, do especialista, num tratamento? E por aí segue o bonde, e eu convido você a sentar nele, pertinho da janela, pra aproveitar a viagem que nos leva a uma Itaguaí das antigas, com parada numa tal de Casa Verde, pra você conhecer, curtir e refletir com Simão Bacamarte e tudo mais que acontece quando ele volta às suas origens.

Fátima Mesquita

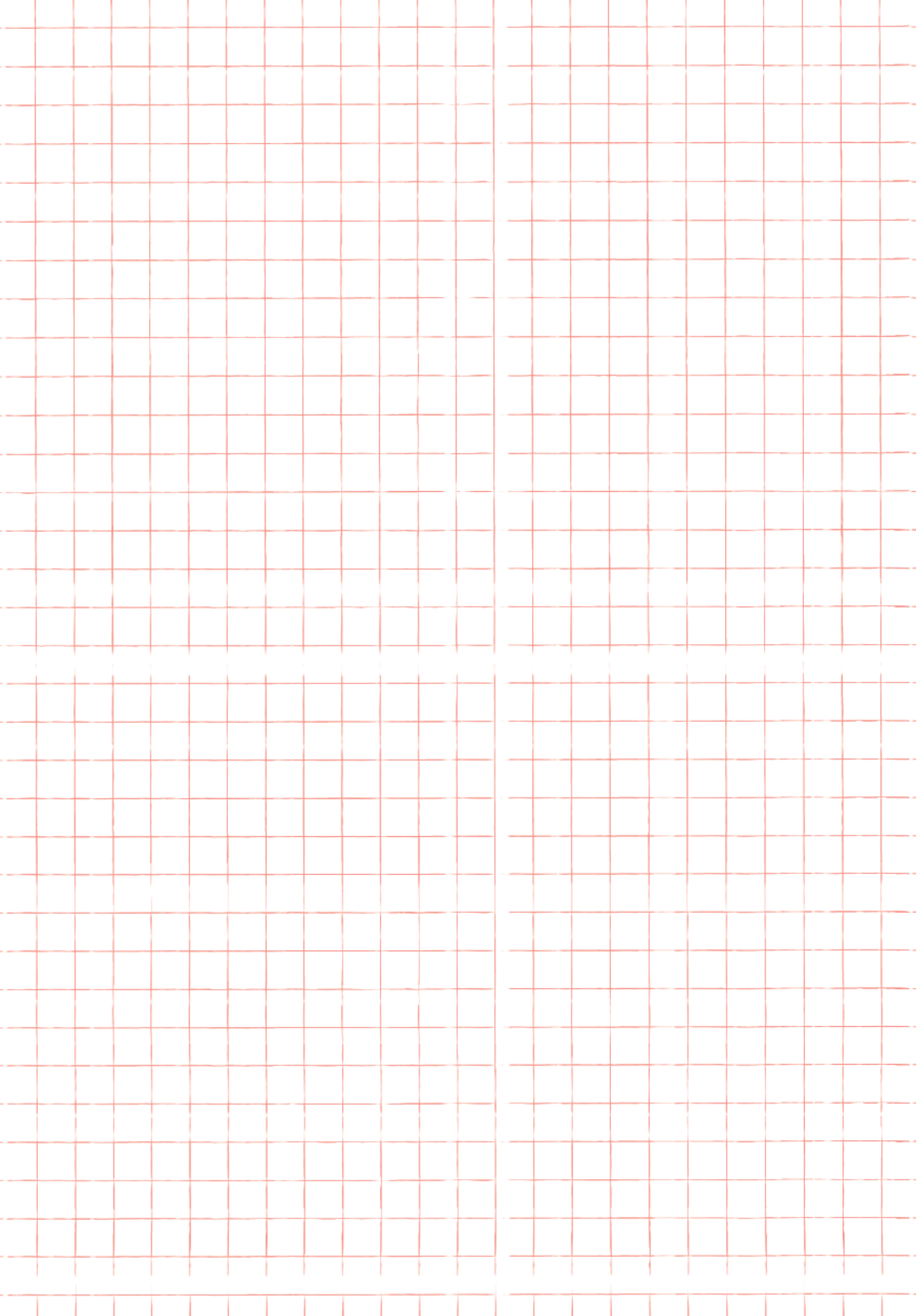
 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

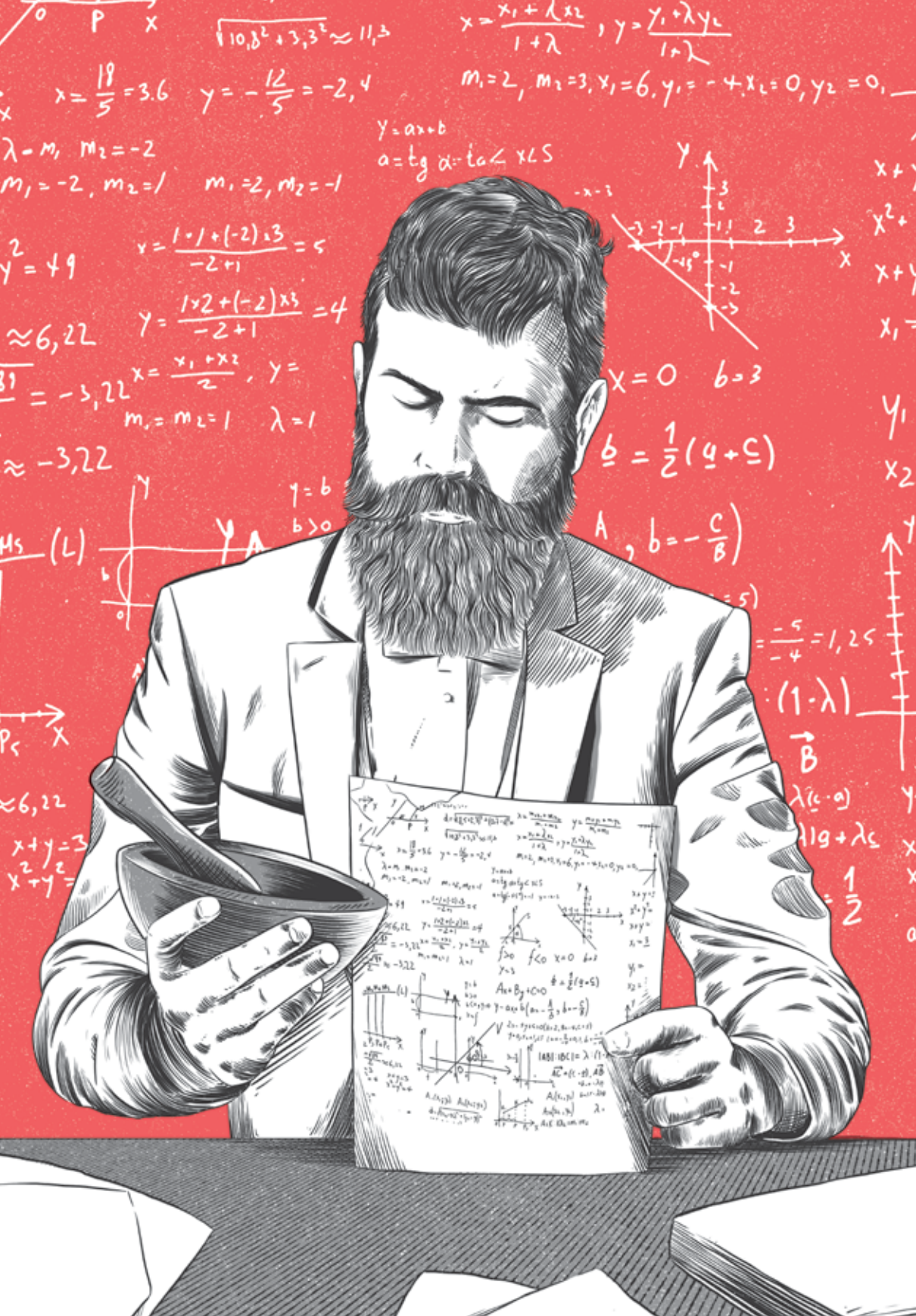
 Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.



SUMÁRIO

| | | |
|-------------|-------------------------------------------|----|
| I | De como Itaguaí ganhou uma casa de orates | 13 |
| II | Torrente de loucos | 18 |
| III | Deus sabe o que faz! | 23 |
| IV | Uma teoria nova | 27 |
| V | O terror | 32 |
| VI | A rebelião | 45 |
| VII | O inesperado | 51 |
| VIII | As angústias do boticário | 56 |
| IX | Dous lindos casos | 59 |
| X | A restauração | 62 |
| XI | O assombro de Itaguaí | 67 |
| XII | O final do § 4º | 70 |
| XIII | <i>Plus ultra!</i> | 77 |



I

DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES

g Itaguaí fica a uns 70 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro.

t Orate é doido. Assim, casa de orates é hospital psiquiátrico.

g Coimbra já foi capital de Portugal e seu curso de medicina tem ótima reputação desde a fundação da Universidade de Coimbra em 1290.

g Pádua, na Itália, abriu o curso de medicina em 1222, considerado o melhor do centro europeu no século XVI.

Alcançar: lograr, conseguir.

Expedir: resolver, desembaraçar.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em **Coimbra** e **Pádua**. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei **alcançar** dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, **expedindo** os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os **teoremas** com **cataplasmas**. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um **juiz de fora**, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de

t Teorema é qualquer ideia que deve ser provada verdadeira para ser aceita.

t Cataplasma é um tipo de remédio tradicional pastoso.

No século XVII, após várias guerras, Portugal tinha os cofres vazios. Resolveu então supervisionar as colônias para que não driblassem as leis ou os impostos e tal. Assim, criou no Brasil o cargo de juiz de fora: um cara designado pelo rei para ir às vilas. Ele tinha que ser de fora das localidades para ser imparcial, garantir os interesses da Coroa e, claro, exercer outras funções ligadas à justiça. Às vezes até assumia a presidência da câmara municipal.



Preterir: desprezar, menosprezar.

C Consorte é literalmente um(a) companheiro(a) de sorte, que partilha do mesmo destino. Ou seja, a pessoa casada com outrem.

Mofino: pequeno, adontado.

Longanimidade: generosidade, magnanimidade.

Regimen: regime, dieta.

Admoestação: conselho, advertência.

Inefável: inarrável, indescritível.

Na Antiguidade era comum colocar nos vencedores uma coroa feita de folhas de louro. Por exemplo, nos Jogos Olímpicos gregos, o ganhador de cada prova recebia no lugar de uma medalha. E um general, voltando de uma vitória em batalha, desfilava por Roma também com uma delas na cabeça. Imarcescível quer dizer imutável, incorruptível.

pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatómicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas, – únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de **preterir** os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da **consorte**.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem **mofinos**. A índole natural da ciência é a **longanimidade**; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um **regimen** alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às **admoestações** do esposo; e à sua resistência, – explicável, mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o **inefável** dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, – o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de **“louros imarcescíveis”**, – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

– A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

– Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, **boticário** da vila, e um dos seus amigos e **comensais**.

A **vereança** de Itaguaí, entre outros pecados de que é **arguido** pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma **alcova**, na própria casa, e, não curado, mas **descurado**, até que a morte o vinha **defraudar** do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um **estipêndio**, que a câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se **desarraigam** hábitos absurdos, ou ainda

B Boticário é o dono de uma farmácia.

C Comensal é o companheiro de almoços e jantares.

V Vereança é o conjunto de vereadores.

Arguido: acusado, criminado.

Alcova: quarto, dormitório.

Descurado: descuidado, largado.

Defraudar: roubar, usurpar.

E Estipêndio é o pagamento por um serviço.

Desarraigar: abolir, extinguir.



Aterrado: alarmado, assustado.

E Sagacidade é a capacidade de entender rápido.

E “Doudo” é o mesmo que “doido”.

E O coche mortuário é a carruagem que transporta defunto.

No século XV, surgia em Milão uma moeda que tinha o desenho da cabeça do governante sem qualquer coroa, mostrando o testão (testone, em italiano), e vem daí o nome tostão. Em 1504 o rei dom Manuel I decidiu passar o dinheiro de Portugal para o sistema decimal e liberou uma moeda também chamada de tostão, que foi ganhando novas e novas versões até sumir de vez no Brasil em 1942 e, em Portugal, em 1979.

E Aqui, “relevar” quer dizer “liberar”.

maus. A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.

– Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.

D. Evarista ficou **aterrada**, foi ter com o marido, disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. Mas aquele grande homem, com a rara **sagacidade** que o distinguiu, penetrou a intenção da esposa e redarguiu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos **doudos** pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dous penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse

emplumar os cavalos de um **coche mortuário** pagaria dois **tostões** à câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se **relevasse** o escrivão de um trabalho inútil.

– Os cálculos não são precisos, disse ele, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doudos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como

fosse grande **arabista**, achou no **Corão** que **Maomé** declara veneráveis os doudos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no **frontispício** da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a **Benedito VIII**, merecendo com essa fraude, aliás **pia**, que o padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele **pontífice** eminente.

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a louvavam; porquanto, – e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, – porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um **varão** ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores.

Ao cabo de sete dias expiraram as festas públicas; Itaguaí tinha finalmente uma casa de orates.

Arabista é quem entende da língua e da cultura árabe. Vale lembrar que os muçulmanos estiveram por séculos na península Ibérica e deixaram de herança vários documentos que descreviam cirurgias, com desenhos dos instrumentos usados nas operações e explicações de como se devia armazenar medicamentos e muito mais. Nessa área, destacam-se os famosos Ibn Wafid e Az-Zahrawi.

O Corão, ou Alcorão, é o livro sagrado do islamismo.

Ele Maomé é o grande profeta do islamismo. Ele teria passado 23 anos recebendo revelações do anjo Gabriel que acabaram virando o Corão. Quando ouviu pela primeira vez a voz do anjo em sua cabeça, disse à esposa: "Tô doido". Depois ele sossegou, mas como começou a peitar os mandachuvas locais e torrou sua grana comprando a liberdade de escravos, logo a turma rica é que o estava chamando de insano.

Frontispício:
frente, fachada.

B **Benedito VIII** foi papa de 1012 a 1024 e meio que o "inventor" do celibato.

Pio: benigno, benévolo.

P **Pontífice** é o papa, o chefe maior da Igreja Católica.

Varão: homem.